

Como as duplas caipiras

A advertência do governador Miguel Arraes, sobre a possibilidade de migração de votos do PMDB para a candidatura Fernando Collor, é uma realidade que está sendo dissimulada com certa dificuldade. E visível, já, o mal-estar de importantes líderes do partido com o governador de Pernambuco, diante do que têm reparado no contato com as bases do interior de seus estados. Outro governador que não mais está conseguindo fingir desalento é o do Rio de Janeiro, Moreira Franco, que não foi ao primeiro comício da campanha.

Mas é no Rio Grande do Sul que se colhe o melhor exemplo da quase debandada do PMDB. Lá, o governador Pedro Simon, provavelmente o quadro mais ligado ao deputado Ulysses Guimarães dentro do partido, não tem conseguido permanecer sem revelar simpatia pela candidatura Fernando Collor de Mello. Isso se deve especialmente ao fato de que, segundo avaliam os institutos de opinião pública, dentro em pouco Collor superará Leonel Brizola dentro de seu reduto mais fechado. Por enquanto, Brizola leva uma vantagem de poucos pontos favoráveis.

Para o governador Simon, a perda de consistência de Brizola é tudo o que ele poderá querer na vida. Imprensado entre o PT do prefeito Olívio Dutra, o PDS do ex-deputado Nelson Marchezan, o PFL do senador Carlos Chiarelli e o PDT de Leonel Brizola, o governador não enxer-

gava alternativas dentro do PMDB. As bases do partido sempre recusaram Ulysses. Desejavam até o próprio Pedro Simon, como solução do tipo Tertius, mas não Ulysses. Simon, agora, está tocado pela síndrome de Arraes: teme faltar às bases no seu desejo de aderir a Collor para combater Brizola.

Esse é o mesmo problema de outros governadores, como Alvaro Dias, que na semana teve uma conversa informal com o ministro João Alves Filho, em Curitiba, com quem abriu seu coração. Desde a Convenção, Alvaro, um dos principais animadores do PMDB, mostra-se distante e abatido. Constata-se o mesmo comportamento em outra marca jovem do partido, tanto quanto Alvaro, capaz de se comunicar com a mesma faixa atualmente explorada por Fernando Collor: o governador Tasso Jereissati, que tem tudo para não desejar subir ao mesmo palanque de Ulysses Guimarães.

Pouco adiantará ao dr. Ulysses bater forte contra o presidente Sarney, atualmente, como fez em Guanambi. As bases não vão traduzir a crítica como coerência e altivez, marcas antigas do veterano comandante do PMDB. Traduzem-na agora por astúcia, uma chaga dos políticos segundo a visão atual da sociedade. Doloroso, melancólico, é ver o líder da resistência evitar os grandes centros, e com Waldir Pires, estourar somente no Norte, como as duplas caipiras.